

# A DEPÊNDENCIA QUÍMICA E PSICOLÓGICA DO TABACO E AS IMPLICAÇÕES DE SEU USO NO AMBIENTE DE TRABALHO

2018

**Kátia Borges Fonseca dos Santos Rabelo**

Estudante do curso de psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Santo Ângelo (Brasil)

**Rejane La Bella Flach Cunegatto**

Professora supervisora de estágio, graduada em Psicologia, especialização em Gestão Empresarial com Ênfase em Recursos Humanos e mestre em Educação

E-mail de contato:

[katiabsrabelo@gmail.com](mailto:katiabsrabelo@gmail.com)

---

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre a dependência química e psicológica do cigarro e as consequências de seu uso em ambiente laboral. Para que essa discussão fosse possível foram feitas observações em um grupo de fumantes, trabalhadores de uma indústria do ramo de fundição localizada em um município do interior da região Noroeste do Rio Grande do Sul, que faziam o uso do cigarro dentro de seu ambiente de trabalho em meio às atividades desenvolvidas durante o expediente. Para tanto, partiu-se do pressuposto que o hábito de fumar foi construído culturalmente, sendo utilizado pelos sujeitos para ofuscar sua angústia de viver. Constatou-se através das observações que a empresa contribui ativamente para o agravamento do vício de seus colaboradores fumantes e no adoecimento dos indivíduos não fumantes, que se caracterizam por tabagistas passivos.

**Palavras-chave:** Tabagismo, dependência química, dependência psicológica, consequências, ambiente de trabalho.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## 1. INTRODUÇÃO

O tabaco é uma das principais causas evitáveis de mortes prematuras do mundo, porém, apesar do alto índice de mortalidade causado por ele, seu consumo continua aumentando. As doenças decorrentes deste vício são inúmeras, sendo hoje mais facilmente reconhecidas pela população e pelos próprios tabagistas. (KLEIN, 1997).

O hábito de fumar foi ensinado ao homem culturalmente, e a pulsão existente em cada indivíduo se utilizou deste objeto para obter satisfação, transformando o cigarro em um afeto, um amigo, um companheiro, em um “não estar só”.

Segundo Klein (1997) em meados da década de 30, fumar era considerado um hábito glamoroso, porém atualmente, esse costume se tornou um ato abominável, sendo o fumante convidado a se retirar dos estabelecimentos se acompanhado do cigarro, por se tratar de alguém que pode causar danos aos demais através da fumaça inspirada por esses.

Para que fosse possível refletir e discutir sobre a temática do tabagismo, foi observado um grupo de fumantes de uma empresa do ramo de fundidos localizada na região Noroeste do Rio Grande do Sul, que fumavam durante as atividades laborais. Nestas observações foram ressaltados aspectos vinculados à cultura transmitida ao grupo de colaboradores, e seus comportamentos que pudessem assinalar possíveis sinais de compulsão, bem como o mal causado aos fumantes passivos, não compreendido em profundidade pelos mesmos.

## 2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Foram realizadas dez observações com um grupo de fumantes, no interior de uma empresa do ramo de fundidos localizada na região do Noroeste do Rio Grande do Sul, no período de 17 de agosto a 26 de outubro de 2015. Cada observação apresentou duração de uma hora.

Neste trabalho, por questões éticas, optou-se por não expor o nome da empresa e dos integrantes do grupo observado, sendo esses denominados por letras para melhor caracterização do grupo.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

O hábito de fumar é um costume ensinado ao homem desde os primórdios, cultivado pelos maias e astecas, como comprovado pela Universidade de Albany, Nova York. (ESTUDO... 2012).

Em meados do século XV os povos acreditavam ter o tabaco um poder medicinal e que este poderia curar qualquer doença, Thomas Harriot inclusive preconizou em seu livro em 1588 o uso diário do tabaco. (KLEIN, 1997).

O tabaco, a partir disso ganhou o mundo chegando a ser negociado como moeda. A indústria tabagista se desenvolveu e buscou novos maquinários para que a produção de cigarro pudesse alcançar grande escala, sendo capaz de atender mais prontamente aos desejos da população. Segundo Klein (1997), no século XIX, a imagem do cigarro era vinculada às figuras de glamour, charme e rebeldia, dessa forma, chamava a atenção do telespectador para a mensagem subliminar de quão prazeroso era estar em sua companhia. Construiu-se então uma imagem falsa do cigarro, onde se reforçou o comportamento dos fumantes através de tais propagandas. Pode-se dizer que a cultura transmitida pela mídia ensina ainda hoje ao homem qual é a forma ideal de se comportar e como este deve obter prazer desses comportamentos.

Em meio às observações constatou-se que a cultura dentro da empresa observada, foi de grande importância para o atual comportamento de fumar em meio às atividades laborais, pois o antigo proprietário da empresa e líder deste grupo é fumante, e segundo relato da diretoria da empresa A. fumava cigarros junto às dependências da mesma. Compreende-se desta forma que, como figura de autoridade, este reforçava o comportamento de fumar de seus subordinados.

Segundo Rhoden e Rhoden (2005) atualmente a sociedade vive sob o signo da descarga de seus instintos pelas vias mais curtas, isto é, vive vinculada a um imediatismo exacerbado, sendo possível conectar essa necessidade social de satisfação imediata ao crescimento no uso de substâncias psicoativas, como o cigarro.

A substância contida no cigarro chamada nicotina traz ao sujeito o prazer imediato, pois a partir do momento que a fumaça do cigarro é absorvida pelos alvéolos, a droga cai na corrente sanguínea e em menos de dez segundos chega ao cérebro, nele a nicotina estimula a liberação de dopamina, que consiste em um neurotransmissor associado a sensações de prazer e à compulsão,

que faz o indivíduo repetir as experiências que lhe proporcionaram tal deleite. Desta forma, a nicotina induz prazer e reduz estresse e ansiedade. (VARELLA, 2011).

Em uma das observações realizadas pode-se constatar tal efeito, pois notou-se C., um dos integrantes do grupo, ansioso, andando pelas instalações da empresa a procura de algo, o mesmo colocava a mão em seus bolsos e movimentava os objetos das mesas de trabalho, sugerindo um início de desespero por estar sem cigarro algum. Ao chegar próximo a M., esse lhe estendeu a mão lhe dando um cigarro. C. acendeu seu cigarro, inspirou e expirou a fumaça gradativamente como se estivesse suspirando, dando a sensação a quem observava de que fumava em busca de alívio. Quintana (1948) ressaltou em um de seus poemas que o cigarro é uma maneira disfarçada de suspirar.

O tabagismo é uma das adições mais sérias do mundo, causa inúmeras doenças ao organismo do fumante e daqueles que convivem diariamente com o adicto, e mata em média cinco milhões de pessoas por ano. (FALCONE et al, 2001). Klein (1997) destaca que o prazer do cigarro é negro, uma terrível sensação visceral de depender de um objeto estranho ao seu corpo. Mas como explicar este prazer negro do tabagista em continuar fumando mesmo sendo conhecedor dos males que este objeto pode trazer a si?

Para Costa (2009) quando se pensa em tabagismo é importante que a dependência seja levada em consideração, não somente a dependência química, mas também a psicológica. A dependência química ocasionada pelo cigarro se compara a causada pela cocaína, pois se descontinuado seu padrão de uso regular, pode levar o indivíduo à síndrome da abstinência.

Pode-se dizer que no grupo observado, os sujeitos C. e J. são portadores de uma dependência física e psicológica importante, pois necessitam de um maior número de cigarros durante o dia, e também porque percebeu-se em meio às observações que estes fumavam com certa fissura, dando a impressão a quem observava que se pudessem incorporar tal objeto.

A sociedade capitalista faz um apelo ao individualismo transformando as pessoas em números, dessa forma, o indivíduo padece de um esvaziamento de valores que antes o norteavam. Estes são colocados em choque a partir da realidade de destruição do homem pelo homem, gerando no indivíduo carências de reconhecimento, de sensação de ser acolhido e de pertencer a um grupo. (Costa, 2009). A busca pela individualidade pode ser até suportável em certos níveis, mas de forma exagerada costuma trazer desconfortos angustiantes.

Tanto Freud (1926/1929) quanto Lacan (1962/2005) partem do pressuposto que o ser humano tem uma falta constitutiva que o leva frequentemente a busca de prazer, essa falta pode-se dizer se estrutura a partir da castração, da separação inicial da figura materna. Para Costa (2009), essa necessidade de se acoplar a alguém seria uma forma de recuperar a paz e harmonia que um dia sentiu, pois o primeiro objeto pelo qual o sujeito obteve satisfação não o gratifica mais. Para alguns

indivíduos, tal perda é de difícil superação, sendo no movimento em torno dessa lacuna que a pulsão se estabelecerá. (PISETTA, 2009). Dessa forma, pode-se dizer que as pulsões instigam o organismo a obter do mundo externo os elementos para sua saciação, alcançando deste modo a homeostase, porém a satisfação pulsional é sempre parcial, podendo – se compreender melhor a fala de Banville.

Se entregar ao cigarro é colocar o interesse na criação de um desejo que não pode ser satisfeito. (BANVILLE apud KLEIN, 1997, p 72).

Segundo Klein (1997) a satisfação de um desejo resulta da eliminação do mesmo, mas é necessário dizer que o cigarro não satisfaz tal desejo, apenas o acalma, sendo possível compreender essa insatisfação pulsional quando observado o sujeito C., pois como mencionado acima, este fumava com certa fissura, acendendo um cigarro após o outro, parecendo a quem observava que não se satisfazia em meio às inúmeras tragadas.

Portanto, pode-se dizer que pessoas com um ego frágil, isto é, indivíduos com menor capacidade de lidar com sentimentos, conseqüentemente com essa falta constitutiva, e movidas pelo capitalismo, tendem a substituir essas figuras de amor, por objetos, a isso se chama de dependência psicológica. Klein (1997) ressalta que a dependência uma vez estabelecida representa risco de sofrimento e que para se parar de fumar deve-se entrar em processo de luto, e chorar a perda de algo ou alguém significativo. Pode-se compreender tal dependência psicológica, considerando a história de W., que segundo relato de um dos diretores da empresa, passou por problemas cardiovasculares, ficando entre a vida e a morte, sendo submetido à cirurgia e conseqüentemente orientado pelo médico para que não fumasse mais. O observado, mesmo sabendo do mal que o cigarro lhe traz, continua fumando e constatou-se nas observações que em momentos ociosos, ele fuma em média dois cigarros em uma hora.

Diante disso, é possível compreender que o ser humano é movido por afetos conscientes e também inconscientes e que níveis não-rationais também controlam o comportamento. Pode-se dizer que o fumante age movido pela pulsão de morte, uma vontade de destruição, que corresponde a um gozo, e trata-se de um gozo sinistro, silencioso, uno. O gozo trata-se de um excesso, de algo que extrapola o prazer, que se constitui como forma de satisfação da pulsão, que inclui a destruição do próprio corpo. (RHODEN; RHODEN, 2005).

O fumante destrói o cigarro a cada tragada, sem notar que a cada incorporação do mesmo este o destrói, podendo-se dizer que o indivíduo fumante não procura extinguir a si mesmo, mas preencher aquilo que lhe falta, aniquilando seu vazio existencial. Notou-se nas observações no grupo que uma maior ociosidade pode levar o indivíduo a uma acentuada necessidade desse preenchimento, e conseqüentemente a uma maior compulsão, pois os fumantes observados quando trabalhando em atividades que exigiam menos concentração duplicavam o uso do cigarro.

Freud (1905) chama a atenção em seus estudos também para a potência da pulsão sexual, que através da libido, energia que move o indivíduo, pode vencer barreiras como o asco, vergonha e fixar-se no objeto que gerou gozo, o que sugere que o gozo que W. tem com o cigarro transpõe o medo da morte.

Segundo Rhoden e Rhoden (2005), no hábito de fumar, o indivíduo regride à fase oral de desenvolvimento, tentando reduzir a ansiedade causada pela realidade inaceitável de privação de suas necessidades, quando toma consciência da castração, isto é, da proibição de seus desejos incestuosos pela figura materna. Dessa forma, compreende-se que o cigarro tornou-se uma peça chave para se encaixar no lugar do objeto perdido da pulsão oral, pois é possível perceber no ato de fumar as duas fases da oralidade: sucção e canibalesca.

Ao se observar os fumantes do grupo pode-se notar tais fases, pois o tabagista suga a fumaça como se desejasse o cigarro dentro de si, extinguindo o objeto aos poucos com a sucção.

Pode-se dizer que o indivíduo busca no cigarro um “porto seguro”, fuma para não ficar só, para liberar suas tensões, enfrentar ou fugir de sua ansiedade diante da realidade que muitas vezes é dura, pois o indivíduo está constantemente mergulhado em trabalho, rotina, horário, responsabilidades, falta de dinheiro, e para suportar tamanho peso ele precisa de descanso, precisa “morrer sempre um pouquinho” sendo imprescindível para alguns o alívio imediato deste incômodo. O instinto pulsional do fumante percebendo que o prazer encontrado no cigarro é passageiro faz com que, para manter a ilusão, o indivíduo repita a experiência do comportamento de fumar, gerando certa compulsão. (RHODEN; RHODEN 2005).

Pode-se notar nas observações uma maior compulsão em dois indivíduos. Em dias de atividades voltadas a moldagem, isto é, com atividades que exigiam menos concentração e atenção por parte deles, se comparado aos dias de atividades voltadas à fusão, C. e J. fumavam em média um cigarro a cada doze minutos, totalizando quatro a cinco cigarros por hora. Constatou-se inclusive que C. fumava com certa rapidez, parecendo a quem observava que este não saboreava o cigarro, isso pode sugerir que o mesmo fumava em busca deste “paraíso perdido” não encontrado, porém, Freud em Além do princípio do prazer (1920), postula que o princípio do prazer não governa o organismo soberanamente, pois seria perigoso para a auto-preservação do mesmo.

Dessa forma, pode-se dizer que há no psiquismo uma tendência para funcionar a partir do princípio do prazer, onde este tenta se livrar ao máximo das excitações que lhe chegam, porém, este mesmo organismo, entende que se sua energia for zerada, ele será levado à morte, assim o princípio do prazer se transforma em princípio da realidade, postergando a satisfação imediata e tolerando provisoriamente o desprazer. Porém, as pulsões sexuais, ainda assim continuam a trabalhar com o princípio do prazer, e este consegue se impor por muitas vezes diante do princípio da realidade, o que leva a prejudicar todo o organismo. Diante disso, torna-se mais claro o que leva

W. a fumar, mesmo tendo sido orientado pelo médico sobre os possíveis riscos à sua saúde, após sua cirurgia cardiovascular.

Para compreender compulsão, a psicanálise a discute a partir do fenômeno chamado transferência. Em Recordar, repetir e elaborar (1914/1969) Freud estuda a relação entre compulsão à repetição, a transferência e a resistência, e refere que a transferência impede o recordar, sendo a repetição uma reprodução do passado esquecido de forma inconsciente. O autor propõe a partir disso uma dualidade pulsional, onde a compulsão a repetição, de origem inconsciente, passa a fazer parte da pulsão. Essa compulsão leva o sujeito a se colocar em situações dolorosas, como na situação do fumante, “no prazer de se matar”, não conseguindo se satisfazer de forma completa. Esta compulsão então faz com que o indivíduo repita suas experiências em busca de gozo, o que sugere que quando C. fumava de maneira ansiosa e rápida, este estava à procura desse deleite.

Para Lacan, o conceito de gozo, está para além do prazer, seria algo como que prazer e dor misturados. Com exceção da melancolia, a pulsão de morte se encontra sempre misturada à pulsão de vida, podendo-se postular que para que o fumante obtenha este gozo, ele necessita recalcar o mal que o cigarro lhe faz. (QUEIROZ, 2012).

Pode-se dizer que o tabagismo é apenas um sintoma daquilo que o indivíduo em algum momento de sua vida recalcou, transferindo para o cigarro o poder de cessar o vazio que foi tomando forma e lugar no interior de si. Rondina et al (2002) ressaltam que pacientes depressivos relatam que fumar traz uma sensação de relaxamento propiciando a redução da ansiedade, dos sintomas psiquiátricos, do sofrimento psicológico e dos efeitos colaterais da medicação antipsicótica, porém para vincular tal diagnóstico ao grupo observado seriam necessárias observações e técnicas psicológicas mais detalhadas. É possível apenas dizer que esta sensação de relaxamento foi constatada nas observações feitas relacionadas à W. e M., que fumavam mais precisamente em horários de descanso, onde juntos riam, e pareciam saborear cada tragada.

Segundo Castro et al (2008), pode-se dizer que o fumar está mais relacionado ao alívio do desprazer do que à busca do prazer, sendo que o tabaco pode muitas vezes ser usado como automedicação, ou seja, como forma de aliviar sentimentos desagradáveis, sintomas de ansiedade e depressão. Tal angústia pode ser notada em C. em dias de moldação, quando parecia ao observador, que esse fumava de maneira ofegante e ansiosa, praticamente “comendo” o cigarro em menos de 10 minutos.

Como ressaltado anteriormente, constatou-se que na empresa observada os colaboradores fumantes, fazem uso do cigarro durante suas atividades laborais. Essa compulsão por não suportar ficar sem fumar, pode trazer à empresa algumas complicações diante das autoridades governamentais, pois, buscando cumprir os artigos 196 e 200 da constituição, onde diz respectivamente que a “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas

sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA DO BRASIL, p 112, 113), e que “Ao sistema único de saúde compete, além de outras atribuições, nos termos da lei: executar as ações de vigilância sanitária e epidemiológica, bem como as de saúde do trabalhador.” (p 114), o governo regulamentou a lei nº 12546 em 2014, que é mais conhecida como Lei Antifumo. Esta proíbe o ato de fumar cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos em locais de uso coletivo, públicos ou privados, como *halls* e corredores de condomínios, restaurantes e clubes – mesmo que o ambiente esteja parcialmente fechado por uma parede, divisória, teto ou toldo. A lei também extingue os fumódromos, e em caso de desrespeito a lei, o local pode ser multado ou até perder a licença de funcionamento.

Nestas condições, pode-se dizer que a empresa está contribuindo para o desenvolvimento de doenças não só de seus colaboradores fumantes, mas também dos demais colegas que se caracterizam por fumantes passivos, por trabalharem por oito horas inspirando a fumaça expelida pelo cigarro dos colegas fumantes. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA) define-se tabagismo passivo como sendo a inalação da fumaça de derivados do tabaco, tais como, cigarro, charuto, cigarrilhas, cachimbo, e outros produtores de fumaça, por indivíduos não fumantes, que convivem com fumantes em ambientes fechados, respirando as mesmas substâncias tóxicas que o fumante inala. (BRASIL, 2001).

Ainda segundo o Inca (BRASIL, 2001) o ar poluído pelo fumante possui três vezes mais nicotina, três vezes mais monóxido de carbono e até cinquenta vezes mais substâncias cancerígenas do que a fumaça que entra pela boca do mesmo após passar pelo filtro do cigarro. Portanto, é fácil compreender o mal que um fumante pode causar aos seus colegas durante oito horas de trabalho, sendo de simples compreensão para a empresa observada o porquê de coibir o uso do cigarro no interior da mesma.

Dessa forma, é de suma importância o papel do empregador na tomada de medidas para manter o ambiente de trabalho hígido, para que este deixe de ser um local de agressão a saúde do trabalhador.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluiu-se que dentre os colaboradores da empresa, os fumantes passivos não têm consciência do mal que estão inalando, sendo possível perceber nas observações que estes não esboçavam nenhum comportamento de aversão aos colegas enquanto fumavam, pode-se dizer que estes colaboradores que se caracterizam como fumantes passivos, nem sequer tem a opção de



estarem em outro lugar, por ser em meio às atividades laborais, que seus colegas tabagistas dão suas tragadas.

Diante das considerações e observações feitas ao longo deste trabalho, constatou-se que o fumante busca no cigarro aquilo que neste objeto não pode ser encontrado, sendo que busca descobrir uma saída rápida de sua situação aflitiva. Desta forma, gera-se uma compulsão à repetição, que se impõe ao psiquismo, ficando, portanto o fumante impotente para agir, e mesmo sabendo das possíveis doenças que o cigarro pode lhe gerar, este continua fumando em busca da cessação de sua falta constitutiva, falta que se originou na perda do objeto que um dia lhe gerou a satisfação completa.

O cigarro se encaixa no lugar do objeto perdido da pulsão oral, pois é possível perceber no ato de fumar as duas fases da oralidade: sucção e canibalesca, além de que esse se constitui como um objeto de linguagem, pois através dele o fumante fala de sua angústia.

Há, portanto várias abordagens que podem ajudar o indivíduo a deixar de fumar, porém para a psicanálise, o tabagismo não é uma fixação comportamental como é para a terapia cognitivo-comportamental. A medicina também dá suas contribuições para a cessação do tabagismo, porém, por muitas vezes para fazer cessar o sintoma, não leva em consideração o sujeito que fuma. Este através de medicamentos pára de fumar, mas, em geral, migra para outras adições, como, álcool, remédios, comida, entre outros. É imprescindível dizer que o tabagismo é concebido como um problema de saúde pública, sendo necessária uma visão interdisciplinar para que seja feito o tratamento de forma assertiva.

Cabe ressaltar ainda que estas observações feitas na empresa contribuíram para um melhor esclarecimento sobre os males do tabagismo e do risco que o uso do cigarro em meio às atividades laborais traz a todos que ali trabalham, bem como colaboraram para a abertura de consciência dos diretores da empresa para uma possível mudança de cultura da mesma e conseqüentemente de seus colaboradores. Em conversa com um dos diretores da empresa, L.C. relatou que o uso do cigarro em meio às atividades não afeta a produção em larga escala, mas que compreende hoje a contribuição da empresa para o vício e doenças desencadeadas aos colaboradores em geral, sendo necessário o início de um trabalho para com o grupo para a retirada do mesmo de dentro da empresa. O mesmo postulou que a temática do tabagismo será abordada na SIPAT 2015 da organização, que se refere à Semana Interna de Prevenção a Acidentes no Trabalho, onde são abordados temas relacionados à saúde dos colaboradores.

Por fim, partindo do pressuposto que o indivíduo é um ser desejante, estruturado a partir de uma falta, e que hoje se vive uma solidão exacerbada, em busca do suposto “eu”, é necessário dizer que o cigarro pode se constituir como uma forma de anestesia dessa angústia de ser incompleto, e

de não encontrar em meio às relações muitas vezes líquidas algo que possa preencher de maneira sólida tal vazio.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Lei nº 12546, de 14 de dezembro de 2011. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12546.htm#art49](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12546.htm#art49)>. Acesso em: 2/10/2015.

\_\_\_\_\_, Constituição Federativa do Brasil. Disponível em <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/dandle/bdcamara/15261/constituicao\\_federal\\_35ed.pdf?sequencia=9](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/dandle/bdcamara/15261/constituicao_federal_35ed.pdf?sequencia=9)>. Acesso em 15/10/2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer – INCA. Coordenação de Prevenção e Vigilância (CONPREV). **Abordagem e Tratamento do Fumante-Consenso**. Rio de Janeiro: INCA, 2001.

Castro, Maria da Graça Tanori de. et al. Relação entre gênero e sintomas depressivos e ansiosos em tabagistas. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre v.30, n.1, Jan./Apr., 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082008000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082008000100008)>. Acesso em: 2 out. 2015.

Costa, Célia Lúcia da. **Meu cigarro, minha vida**. 2009. Disponível em: <<https://pontolacaniano.wordpress.com/2009/05/13/meu-cigarro-minha-vida/>>. Acesso em: 21 out. 2015.

Veja. Acervo Digital. Estudo acha sinal de nicotina em vaso maia de 1.300 anos. É a primeira evidência direta de que a civilização cultivava o tabaco. 2012. **VEJA**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/estudo-encontra-sinais-de-nicotina-em-vasos-maias-de-1-300-anos/>>. Acesso em: 16 out. 2015.

Falcone, E. et al. Psicoterapia cognitiva. In: RANGÉ, B. (Org.). **Psicoterapias cognitivo-comportamental**: Um diálogo com a psiquiatria. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Freud, Sigmund. (1914 a). **Recordar, repetir, elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 12.

\_\_\_\_\_. (1920) **Além do princípio do prazer**. Sigmund Freud obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2.

\_\_\_\_\_. (1926-1929) **Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos**. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras 2014, v. 17.

\_\_\_\_\_. (1901-1905) **Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 7.

Klein, R. **Cigarros são sublimes**: Uma história cultural de estilo e fumaça. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1997.

Lacan, J. (1962-1963/2005) O Seminário livro 10, A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Pisetta, Maria Angélica Augusto de Mello. **A falta da falta e o objeto da angústia**. Estud. psicol., Campinas, v. 26, n.1, Jan./Mar., 2009. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2009000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2009000100011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 19 out. 2015.

Queiroz, Edilene Freire de. Dor e gozo: de Freud a Lacan. **Rev. Latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v.15, n.4, Dez., 2012. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142012000400008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142012000400008&script=sci_arttext)>. Acesso dia: 21 out. 2015.

Quintana, Mário. **Sapato Florido**. Rio de Janeiro - Porto Alegre - São Paulo: Editora Globo. 1948

Rhoden, Juliana Lima Moreira; RHODEN, Valmor. **IMPACTO OU INDIFERENÇA: A Comunicação Social e a Psicanálise na Busca da Compreensão dos Efeitos das Imagens das Carteiras de Cigarro**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rhoden-rhoden-impacto-ou-indiferenca.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2015.

Rondina, Regina de Cássia, et al. Relação entre tabagismo e transtornos psiquiátricos. **Rev. Psiq. Clín.** v. 30, n. 6, p. 221-228, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v30n6/a05v30n6.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2015.

Varella, Dráuzio. **A crise de abstinência de nicotina**. 2011. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/dependencia-quimica/tabagismo/a-crise-de-abstinencia-de-nicotina/>>. Acesso em 21 out. 2015.